



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

BRUNO LEONARDO BATISTA FERREIRA

**PERCEPÇÃO DE PSICOPEDAGOGOS ACERCA DA LIBRAS NA
EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis

João Pessoa
2017

BRUNO LEONARDO BATISTA FERREIRA


PERCEPÇÃO DE PSICOPEDAGOGOS ACERCA DA LIBRAS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

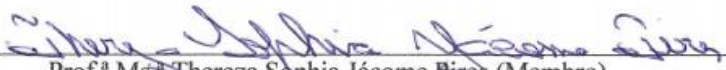
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis

Aprovado em: 21/11/2017.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba


Prof.^a Ms.^a Thereza Sophia Jácome Pires (Membro)
Universidade Federal da Paraíba

F383p Ferreira, Bruno Leonardo Batista.

**Percepção de psicopedagogos acerca da LIBRAS na educação bilíngue de surdos / Bruno Leonardo Batista Ferreira. – João Pessoa: UFPB, 2017.
30f.**

**Orientadora: Geovani Soares de Assis
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia)
– Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação**

1. Educação de surdos. 2. Bilinguismo. 3. Língua brasileira de sinais. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 376-056.263(043.2)

PERCEPÇÃO DE PSICOPEDAGOGOS ACERCA DA LIBRAS NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE DE SURDOS

Resumo: O presente estudo teve por objetivo compreender a percepção de Psicopedagogos acerca da Libras na educação bilíngue de surdos. Para tanto adotou-se a abordagem cultural que entende que o sujeito surdo pertence a uma comunidade que possui uma cultura e uma língua própria. Participaram do estudo 8 (oito) Psicopedagogas da cidade de João Pessoa com tempo de profissão variando entre 6 (seis) meses a 15 (quinze) anos. Estas responderam a uma entrevista estruturada, desenvolvida a partir de uma relação fixa de cinco perguntas, além de questões sociodemográficas. Esse procedimento se deu via correio eletrônico. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa por intermédio do Método de Análise de Conteúdo de Bardin. Das análises depreendeu-se três eixos semânticos: conceitos sobre Libras, concepção sobre escola e educação de surdos e práticas psicopedagógicas com Libras. Os resultados indicaram que as participantes possuem um conceito coerente acerca da Libras conforme a literatura, havendo consenso majoritário em que se tem a valorização da Libras como língua de instrução na educação de surdos, bem como a importância de se ter profissionais habilitados em Libras para trabalhar nesse contexto, sendo este o maior desafio na atuação psicopedagógica na educação de surdos, a falta de conhecimento de Libras para se comunicar. Destarte, reside a importância em se ter Psicopedagogos fluentes em Libras para atuar nesse campo educacional. Conclui-se que esse conhecimento deve ser disseminado na formação do Psicopedagogo, tal como recomenda-se haver uma formação continuada por parte desse profissional no estudo de Libras e da cultura surda.

Palavras-chave: Educação de Surdos. Bilinguismo. Língua Brasileira de Sinais. Psicopedagogia.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE no último Censo Demográfico em 2010 (BRASIL, 2012) existem por volta de 9,7 milhões de pessoas com deficiência auditiva no Brasil. Dessas, por volta de 2,2 milhões apresentam deficiência auditiva severa, ou seja, são pessoas que possuem um grau elevado de surdez. O resultado do último Censo Escolar em 2016 registrou que 57,8% das escolas brasileiras têm alunos com algum tipo de deficiência matriculados, desses, 21.987 são alunos com surdez e 32.121 são alunos com deficiência auditiva (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP, 2017)

Esses números reafirmam a importância de medidas de inclusão social e educacional para pessoas com deficiência auditiva e surdez no contexto educacional brasileiro. Uma medida recente que mostrou a importância de ações inclusivas ao público surdo foi um novo recurso disponibilizado no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) 2017 aos participantes com surdez. Nessa edição da prova, o Inep passou a oferecer uma terceira opção de auxílio para esses participantes, a Prova em Vídeo Libras. Novidade entre os auxílios de acessibilidade do ENEM, a Vídeo-Prova traduzida em Língua de Sinais foi escolhida por 1.635 participantes com surdez ou deficiência auditiva. Outrossim, de forma inesperada, a proposta de redação do ENEM 2017 trouxe à tona uma discussão extremamente pertinente no que tange aos desafios para a formação educacional de surdos no Brasil. Isso representa uma grande conquista à comunidade surda brasileira.

Entretanto, a acessibilidade para as pessoas surdas ainda é um grande desafio. Essa parte da população ainda enfrenta grandes dificuldades. Todavia, a barreira da deficiência auditiva não restringiu os surdos da participação social, antes os conduziu ao envolvimento e a interação com o mundo por intermédio de experiências visuais, produzindo o desenvolvimento de uma cultura própria, a cultura surda, caracterizada principalmente pelo uso de uma língua gestual-visual, a língua de sinais, língua essa que estudiosos linguísticos têm chamado de uma Língua de Herança (PERLIN, 2013; QUADROS, 2017; STROBEL, 2016).

A língua de sinais da comunidade surda brasileira é a Língua Brasileira de Sinais – Libras. A Libras é uma língua natural, com propriedades gramaticais próprias em seus níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico com a capacidade de transmitir conceitos concretos e abstratos tais como sentimentos, emoções e qualquer outra forma de ideia (QUADROS; CRUZ, 2011; QUADROS; KARNOPP, 2004).

Considerando a sua relevância linguística à comunidade surda brasileira, foi sancionada a Lei Federal nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras, e o Decreto Federal nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei supracitada e dá outras providências. Essas legislações propõem ações de condutas específicas acerca de políticas linguísticas e educacionais com a finalidade de disseminar a Libras no país.

As pessoas surdas reconhecem as discrepâncias escolares que proporcionam, no futuro, dificuldades na sua inserção no mercado de trabalho. Nas escolas brasileiras comumente encontramos alunos surdos que possuem um grande atraso acadêmico em relação aos seus pares, apresentando uma produção de escrita do português incompatível com o ano escolar que cursam (CAPOVILLA et al., 2009; PIRES, 2013; QUADROS, 1997).

Quando não existe uma linguagem que possibilite uma comunicação social, haverá grandes prejuízos para o desenvolvimento social, emocional e intelectual do sujeito. Caso não haja uma estrutura linguística que permita uma comunicação completa e eficaz, o desenvolvimento da criança ficará restrito a comportamentos estereotipados que advêm de situações de experiências limitadoras (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2004). Essa questão aplica-se tanto para ouvintes, na língua oral, como aos surdos, na língua de sinais.

As crianças surdas têm sido tratadas como ouvintes a medida em que são barradas de alfabetizar-se e de aprender o currículo escolar por meio de Libras, sua língua natural (CAPOVILLA, 2011a, 2011c). Em decorrência disso, muitos alunos surdos apresentam dificuldades significativas de aprendizagem, pois essas crianças estão sendo privadas de ter acesso a um currículo de aprendizagem bilíngue, em que a Libras é considerada L1 (Primeira Língua) e o Português na modalidade escrita como L2 (Segunda Língua).

Nesse contexto de aprendizagem entre os vários profissionais da educação, incluindo a educação de surdos, encontra-se o Psicopedagogo, que trabalha com as dificuldades de aprendizagem do sujeito (BOSSA, 2011). Partindo desse pressuposto, é relevante trazer à tona o seguinte questionamento: qual a percepção do Psicopedagogo acerca da Libras na Educação Bilíngue de alunos Surdos?

É fundamental compreender a ótica de Psicopedagogos acerca da Libras, entendendo que esse profissional pode trazer contribuições significativas nos contextos educacional e clínico, porquanto, urge a necessidade do Psicopedagogo compreender e promover atendimentos em Libras para os alunos surdos, tanto no contexto clínico como escolar, para que de fato ocorra a inclusão da pessoa surda, conforme a legislação vigente (ALMEIDA, 2011;

ANSAY, 2004; BRASIL, 2014, 2015; CEZAR; FERREIRA, 2016; LOPES; BRÁS, 2015; VERAS, 2015).

Destarte, a importância da discussão dessa temática reside na reflexão da formação continuada de profissionais da Psicopedagogia no estudo de Libras, tendo em mente o que está previsto no Plano Nacional de Educação – PNE, acerca dos alunos surdos. Entre as estratégias estabelecidas no PNE para se alcançar as metas previstas, existem aquelas que asseguram a educação bilíngue, tendo a Libras como primeira língua, para as crianças surdas. Desse modo, essa educação bilíngue deve acontecer em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas para alunos surdos (BRASIL, 2014). Nesse contexto deve ser inserido o profissional da Psicopedagogia como um dos agentes ativos que pode trazer ricas contribuições na educação de surdos.

Ademais, ao se discutir essa temática pretende-se socializar saberes que poderão possibilitar a articulação das áreas da Educação de Surdos e da Psicopedagogia, visando construir um arcabouço teórico, que no momento se encontra aberto à exploração no que se refere a produção científica envolvendo essas duas áreas de conhecimento (ALMEIDA, 2011; ANSAY, 2004; BERALDO; VITORIANO, 2016; BRUNN; BLUMER, 2011; CEZAR; FERREIRA, 2016; LOPES; BRÁS, 2015; VERAS, 2015).

Perfazendo, o presente estudo tem por objetivo geral compreender a percepção de Psicopedagogos acerca da Libras na Educação Bilíngue de surdos, especificamente, identificar o conceito que o Psicopedagogo possui sobre a Libras; conhecer a visão que o Psicopedagogo possui sobre a Educação Bilíngue para surdos; descrever os desafios da atuação psicopedagógica na Educação de Surdos; e refletir acerca da necessidade do Psicopedagogo se capacitar em Libras para a atuação com pessoas surdas.

2 EDUCAÇÃO DE SURDOS E PSICOPEDAGOGIA: UMA RELAÇÃO POSSÍVEL

2.1 EDUCAÇÃO DE SURDOS, BILINGUISMO E LIBRAS

A inclusão de alunos surdos no sistema educacional brasileiro tem sido tema de diversos debates educacionais nas últimas décadas. Nos últimos anos, houve um avanço significativo na produção científica acerca da Educação de Surdos o que resultou na promulgação de Leis que indicam um manejo específico de políticas educacionais a esse público alvo (BRASIL, 2002, 2005, 2014, 2015).

Há algumas décadas, na esfera científica, as discussões acerca da surdez eram praticamente abordadas apenas pela medicina e pela fonoaudiologia, mostrando uma visão patológica-problemática da surdez. Todavia, na contemporaneidade, as áreas da linguística, educação, antropologia, sociologia entre outras têm se dedicado a esse objeto de estudo, produzindo assim várias publicações científicas sobre a temática (GESSER, 2009).

A especificidade direcionada às questões do sujeito surdo, no contexto da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva, apoia-se em dois elementos essenciais: as reivindicações da comunidade surda frente às políticas públicas existentes para o reconhecimento do status linguístico e educacional e a peculiaridade linguística que a comunidade surda possui (SANTO; CAMPOS, 2013).

A visão acerca da pessoa surda ainda é permeada por preconceito. Existem duas maneiras gerais de perceber o sujeito surdo na sociedade: a abordagem patológica e a abordagem cultural (GESSER, 2009). Esse estudo foca o viés cultural, entendendo que o sujeito surdo pertence a uma comunidade que possui uma cultura e uma língua própria, as quais durante a história foram, por muitas vezes, subjugadas e minimizadas pela sociedade ouvinte (ROSA, 2009).

De acordo com Quadros (1997) e Cavalcanti (2011) o processo de Educação de Surdos perpassa por três modelos educacionais: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo. Essas propostas educacionais focavam-se, ora na inclusão desses alunos na classe regular, ora na classe especial ou na escola especial.

O Oralismo teve o objetivo de estimular a linguagem oral em termos terapêuticos. Para tanto, apenas a modalidade de língua oral deveria ser ensinada aos surdos e para a língua de sinais foi vedado o seu uso. A Comunicação Total defendia o uso de qualquer recurso linguístico para a interação. Havia um aglomerado de recursos usados simultaneamente: língua de sinais, o português, linguagem gestual e visual, textos e todo e qualquer material possível (ALVEZ; FERREIRA; DAMÁZIO, 2010). Esses dois modelos não trouxeram resultados significativos ao desenvolvimento biopsicossocial dos indivíduos surdos, pois ambos negavam a primazia da aquisição de língua de sinais como língua natural no seu desenvolvimento.

Contrapondo os dois modelos supracitados, o Bilinguismo é a proposta educacional que possibilita ao sujeito surdo o uso de duas línguas no seu âmbito escolar, a Libras e o Português na modalidade escrita (QUADROS, 1997). O Bilinguismo foi o modelo educacional mais benéfico apresentado ao surdo, pois ele preserva o direito do surdo aprender Libras como sua primeira língua natural em seu desenvolvimento.

O Bilinguismo é a abordagem metodológica de política linguística adotada para o surdo na legislação brasileira (BRASIL, 2002, 2005, 2014, 2015). No contexto escolar, essa medida significa que o aluno surdo tem o direito de adquirir duas línguas, a Libras como primeira língua e o português na modalidade escrita como segunda língua. Desse modo, a escola bilíngue deve trabalhar para que os alunos surdos alcancem esses objetivos, a saber um currículo bilíngue (STUMPF, 2009).

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que as línguas de sinais são consideradas por teóricos da linguística como línguas naturais legítimas do ser humano, e não como um meio de comunicação problemático do surdo, como foi concebido por décadas ao longo da história.

A Libras, como uma língua de sinais, é uma língua natural que contém todos os níveis linguísticos, como as línguas orais português, inglês, italiano e etc. Sua modalidade visuoespacial promove todas as possibilidades comunicativas e interativas para as pessoas surdas, através de experiências visuais. Através da Libras, o processamento cognitivo é veloz e eficaz, proporcionando uma troca de saberes significativa. A Libras é socializada de geração em geração, se configurando uma língua de herança, ou seja, uma língua que é herdada, especialmente por crianças ouvintes filhas de pais surdos, em um contexto em que existe uma língua oficial majoritária, que no nosso caso é a língua portuguesa (QUADROS, 2017).

Embora a primeira escola para surdos tenha surgido na época do Império, em 1857, foi somente mais de um século depois, na década de 1980, que os estudos envolvendo a Libras iniciaram no Brasil com a linguista Lucinda Ferreira de Brito. Os primeiros artigos e livros publicados pela linguista datam de 1984, 1990 e 1995. Seu interesse não voltou-se apenas pela Libras, mas também pesquisou a língua de sinais Urubu-Kaapor, a qual está inserida na família tupi-guarani, tribo indígena do interior do Maranhão (BARBOSA, 2017; QUADROS 2017).

Por conseguinte, na década de 1990 as autoras Karnopp (1994) e Quadros (1995, 1997) avançaram com os seus estudos de pesquisa na área da linguística acerca da Libras, o que culminou, alguns anos depois, em um livro publicado conjuntamente pelas autoras que se tornou um referencial teórico nos estudos linguísticos de Libras (KARNOPP; QUADROS, 2004). A partir daí diversos estudiosos iniciaram pesquisas científicas na área.

Recentemente a comunidade surda brasileira foi mais uma vez agraciada com um material que contribuirá muito na educação de surdos, o Dicionário da Língua de Sinais do Brasil (CAPOVILLA et al., 2017). Esse é o mais importante dicionário de Libras publicado no Brasil, pois documentou mais de 13.400 sinais em entradas lexicais individuais, com destaque às áreas de medicina, geografia e tecnologia da informação.

Esse dicionário é um rico instrumento a ser utilizado pelos alunos surdos, desde a educação infantil até ao ensino superior, como ferramenta e aprendizado formal da língua. Outrossim, esse material é relevante para os profissionais de diversas áreas como professores, psicopedagogos, fonoaudiólogos dentre outros, que trabalham no campo da educação de surdos, pois permitirá que haja aprendizagem da língua para conversa, interação e compreensão mútuas entre os alunos surdos e os profissionais ouvintes.

Todavia, os desafios para a formação educacional de surdos no Brasil ainda é um grande campo de discussões. Apesar de existirem leis, estudos científicos e produções de materiais pedagógicos em Libras, que a reconhecem como meio legítimo de comunicação, esses sujeitos têm sido tratados de maneira desproporcional uma vez que não lhes são ofertados o direito de alfabetizar-se em Libras, a sua língua natural (CAPOVILLA, 2011a, 2011b, 2011c).

A inadequação de políticas públicas de educação para surdos promovidas pelo governo federal resultou numa problemática latente, o que culminou em uma carência de escolas para surdos, de professores alfabetizadores e outros profissionais habilitados em Libras, o que esclarece porque apenas 20% dos alunos surdos em idade escolar conseguem desenvolver um aprendizado significativo para se sustentar, ainda que dificultosamente, no contexto escolar (CAPOVILLA et al., 2009).

Mesmo existindo políticas de educação bilíngue no Brasil, a prática diária evidencia de forma clara que faltam estrutura e recursos disponíveis para uma educação bilíngue de qualidade. São escassas as escolas habilitadas e poucos os profissionais realmente capacitados em Libras para lidar com o público surdo (NUNES et al., 2015). Especificamente, são poucos os Psicopedagogos habilitados em Libras para assistir os alunos surdos, tanto no contexto clínico como educacional.

Estudos (CAPOVILLA, 2008, 2011a, 2011c; CAPOVILLA et al., 2009; MOURA, 2011; QUADROS, 2017; SÁ, 2011) têm apontado que é na escola bilíngue, local que promove o ensino curricular em Libras como primeira língua, onde os alunos surdos apresentam bom desempenho em desenvolver competências educacionais, do que em escola regular, onde o português é a primeira língua de comunicação e instrução.

Um estudo realizado no Brasil, liderado pelo Professor Dr. Fernando César Capovilla, avaliou mais de nove mil alunos surdos em 15 estados brasileiros, sendo considerado a maior pesquisa já realizada no mundo sobre desenvolvimento cognitivo e linguístico de uma população escolar surda. Esse estudo revelou que quando os surdos são inseridos em escolas regulares que não possuem profissionais habilitados em Libras, e que o surdo não possui contato com outros surdos, a tendência é aprender menos e ocasionar um déficit nos estudos,

acontecendo em muitos casos o fracasso e abandono escolar. A conclusão foi que as escolas bilíngues contribuem mais e melhor para a aprendizagem, inclusão social e cidadania dos surdos do que as escolas comuns de ensino (CAPOVILLA, 2008, 2011a, 2011c).

A escola bilíngue possibilita ao surdo a otimização do desenvolvimento de sua personalidade, das competências cognitivas e linguísticas. Sendo assim, é recomendado que, para que se chegue a uma inclusão escolar de bom êxito as crianças surdas sejam inseridas em escolas bilíngues de educação infantil e permaneçam nesse contexto até o 4º ano do ensino fundamental, como turno principal de estudos. A partir do 4º ano, deve-se providenciar a inserção em uma escola regular de inclusão no turno principal e educação bilíngue no complementar. (CAPOVILLA, 2011a, 2011c).

Entretanto, hoje existem poucas escolas especializadas em educação para alunos surdos no Brasil pois muitas foram fechadas por medidas políticas do Governo Federal. Em vez de erradicá-las, o recomendado é que existam mais programas que compreendam a educação de surdos na sua peculiaridade linguística. A escola inclusiva como existe hoje não é necessariamente o melhor lugar para os estudantes surdos.

Capovilla (2012) afirma que é extremamente necessário que as crianças surdas sejam inseridas, desde os primeiros anos de vida, em uma escola que possua uma comunidade linguística sinalizadora. Crianças com deficiência auditiva, aquela cuja língua materna é o português, ou porque a perda auditiva não foi tão precoce e/ou não tão severa, ou, ainda, porque usam implante coclear ou outra espécie de aparelho auditivo, se beneficiam da modalidade de inclusão através do Atendimento Educacional Especializado – AEE. Entretanto, a criança surda, usuária de Libras, necessita de escola bilíngue. Nessa escola, a Libras será o primeiro veículo de ensino-aprendizagem dessa comunidade para a obtenção dos conteúdos escolares e do português na modalidade escrita. Logo, a Libras será a metalinguagem com a qual o português deve ser adquirido desde os primeiros anos da vida escolar. Logo, por sua particularidade linguística, os alunos surdos se beneficiam minimamente do AEE.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos no The National Technical Institute for the Deaf (NTID) tem mudado a ótica de se conceber a educação de alunos surdos no mundo, corroborando com os achados de pesquisas brasileiras. O estudo traz à tona resultados sólidos que mostram que alunos surdos que apresentam melhor desempenho acadêmico, comumente, são aqueles cujos pais se comunicaram efetivamente com seus filhos surdos desde os primeiros anos de vida através da língua de sinais. Logo, a maioria das dificuldades dos alunos surdos no processo de leitura alfabética se dá por dificuldades na compreensão da língua de sinais, elemento esse que deve ser um bom preditor à aprendizagem da leitura e escrita alfabética.

Sendo assim, é notória a urgência de aprofundamento de estudos e formação continuada pelos profissionais da educação acerca da cultura surda e de Libras, para promover, de fato, um panorama de inclusão educacional para os alunos surdos, ou seja, para que de fato a proposta da educação bilíngue se concretize em sua totalidade (SILVA; SILVA, 2016).

A Libras tem sido difundida na sociedade, se inserindo em diferentes âmbitos de saúde e educação. É no contexto da educação de surdos que inserimos a Psicopedagogia, proporcionando possíveis encontros entre a atuação psicopedagógica frente às dificuldades de aprendizagem dos alunos surdos, seja no seu processo de alfabetização em Libras e no português escrito ou em outras áreas como na matemática.

Destarte, no contexto de educação bilíngue para surdos o Psicopedagogo se faz necessário para assistir esses alunos em suas dificuldades, e, também, assessorar os professores surdos e ouvintes de Libras, todavia, para que isso ocorra de maneira adequada é imprescindível que esse profissional esteja habilitado em Libras. A seguir trataremos dessa peculiaridade na atuação psicopedagógica.

2.2 A PSICOPEDAGOGIA NA INTERFACE COM A EDUCAÇÃO DE SURDOS

A Psicopedagogia é uma área de atuação e conhecimento em que se concentram pesquisas que possuem caráter inter e transdisciplinar tendo por objeto de estudo a aprendizagem humana, em seus processos típicos e atípicos, considerando a influência familiar, escolar e social no percurso do seu desenvolvimento (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA, 2011; BOSSA, 2011; WEISS, 2012).

A atuação psicopedagógica se dá em diferentes contextos de atuação, sendo o institucional e o clínico os predominantes. Sendo assim, a práxis psicopedagógica na educação de surdos é um campo de atuação que lhe é próprio, seja atendendo surdos num contexto clínico, seja assessorando esses alunos junto ao professor e demais profissionais no contexto escolar.

Na atuação clínica psicopedagógica com surdos é fundamental o uso de Libras. Desse modo, para que o Psicopedagogo tenha êxito em seu processo de avaliação e intervenção é imprescindível realizar atendimentos em Libras, pois sem essa mediação linguística não haverá comunicação eficaz entre as partes (ANSAY, 2004; CEZAR, FERREIRA, 2016).

Outrossim, no contexto escolar as ações psicopedagógicas de inclusão e de adaptação curricular devem ser embasadas em leis (BRASIL, 2014, 2015) que estabelecem um currículo bilíngue em que a Libras é primeira língua, e na conscientização da cultura surda, pois a escola se constitui em um âmbito cultural, daí a importância de se respeitar a especificidade linguística

da população surda que é diferente da cultura ouvinte (ALMEIDA, 2011; BERALDO; VITORIANO, 2016; BRUNN; BLUMER, 2011; CAPOVILLA, 2008, 2011a, 2011c; CAPOVILLA et al., 2009; LOPES; BRÁS, 2015; VERAS, 2015).

Logo, no contexto de aprendizagem do aluno surdo a Psicopedagogia pode proporcionar contribuição expressiva, uma vez que a sua atuação volta-se a possibilitar recursos para intervir nos problemas de aprendizagem, ajustando diversos meios para o aprender do sujeito através de estratégias metodológicas e adaptações curriculares, que nesse caso específico devem ter como base a Libras. Contemplando essa singularidade, o Psicopedagogo poderá utilizar recursos metodológicos semelhantes aos que são utilizados pelo professor de Libras, articulando esse elemento ao enfoque do trabalho psicopedagógico com o aluno com surdez (CEZAR; FERREIRA, 2016).

Lodi (2005) enfatiza que os profissionais que querem trabalhar com surdos no contexto educacional devem realizar suas ações prioritariamente pautados no pressuposto de uma ótica da heterogeneidade constitutiva das relações sociais e linguísticas, ou seja, considerando a cultura surda e o seu elemento linguístico.

Estudos (CAPOVILLA et al., 2009; PIRES, 2013; QUADROS, 1997) mostram que grande parte dos alunos surdos possuem alguma dificuldade de aprendizagem, seja no desenvolvimento linguístico de Libras seja na aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita. Nisso, evidencia-se mais uma vez a necessidade de se ter Psicopedagogos habilitados a trabalhar com esse público.

As crianças surdas devem ter o direito de usar a Libras como ferramenta metalinguística para aprender a ler e escrever. À luz da evidência científica esse é o caminho mais eficaz a se trilhar, visando o pleno desenvolvimento biopsicossocial desses alunos (CAPOVILLA, 2008; CAPOVILLA, 2011a, 2011c). Sendo assim, os profissionais da educação, entre eles o Psicopedagogo, necessitam se capacitar em Libras para promover essa inclusão necessária.

Ademais, a Libras deve ser usada como instrumento linguístico mediador na prática psicopedagógica com os estudantes surdos, visando estimular seu desenvolvimento cognitivo e atenuar os problemas de aprendizagem, usando Libras como metalinguagem e como recurso de instrução.

Capovilla (2008) afirma que, no contexto da educação de surdos a inclusão só será plenamente eficaz quando houver a otimização de ações que proporcionem aos surdos a sua legitimidade na sociedade, obtendo dessa forma o reconhecimento de sua cultura, cultura essa evidenciada pela sinalização.

Posto isso, dentre os vários profissionais da Educação, o Psicopedagogo é um destes que deve se capacitar no conhecimento de Libras para compreender e promover atendimentos aos surdos em língua de sinais, contemplando assim a sua singularidade e visando uma ação de equidade em relação aos ouvintes, que recebem atendimento em sua língua oral (CEZAR; FERREIRA, 2016).

A realidade da educação bilíngue já está posta no Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014) e na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Depois de várias edições, o ENEM 2017 mostrou a importância da valorização da Libras na inserção de pessoas surdas contexto de educação superior, ao possibilitar dispositivo contendo vídeo com a tradução de toda a prova em Libras. Enfim, tudo tem cooperado para que de fato possamos chegar a um patamar de concretude inclusiva da pessoa surda na sociedade, e a Psicopedagogia não pode ficar à parte desse desencadeamento social e nem estar apática aos desafios para a formação acadêmica de surdos no Brasil.

Diante do exposto, o presente estudo é delineado com objetivo de compreender a percepção de Psicopedagogos acerca da Libras na Educação Bilíngue de surdos. Afinal, o que esse profissional tem a dizer a respeito das questões relativas à educação de surdos e à sua peculiaridade linguística.

3 MÉTODO

Delineamento

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória, de natureza transversal e predominantemente qualitativa, compreendendo um estudo de campo ao qual foi realizado via correio eletrônico (e-mail).

Participantes

Participaram do estudo oito (8) Psicopedagogas, com idades entre 24 e 46 anos, sendo sete graduadas em Psicopedagogia e uma especialista em Psicopedagogia. Quanto ao contexto de atuação, três (3) trabalham somente no contexto clínico, duas (2) trabalham somente no contexto escolar, duas (2) trabalham em ambos os contextos, e uma (1) trabalha como docente no curso de Graduação em Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba. Destas, só duas (2) possuem algum curso básico na área de Libras e só uma (1) tem contato com alunos surdos

no contexto acadêmico. O tempo de profissão exercido pelas Psicopedagogas varia entre 6 meses a 15 anos.

Essas profissionais deveriam ter graduação ou especialização em Psicopedagogia, estando atuando no contexto clínico e/ou institucional ou como docente de algum curso de Psicopedagogia, sendo este o critério de inclusão. Aqueles profissionais que possuíam formação na área, mas nunca exerceram as atividades em Psicopedagogia, foram excluídas dessa participação, sendo este o critério de exclusão. Tratou-se de uma seleção de participantes por conveniência, não probabilística, participando aquelas Psicopedagogas que tiveram disponibilidade e concordância de contribuir com o estudo. Às participantes foram assegurados o sigilo e o anonimato das suas respostas, assim, seus nomes foram substituídos pela letra P seguido de numeração (ex: P1, P2, P3 etc.)

Instrumentos

Foi utilizada uma entrevista estrutura, desenvolvida a partir de uma relação fixa de cinco (5) perguntas (Apêndice A), cuja ordem e redação permaneceu invariáveis para todas as participantes entrevistadas. Sendo as entrevistas conduzidas de forma individual, através do e-mail pessoal de cada participante, as perguntas englobaram os seguintes campos semânticos: a) conceito sobre Libras; b) concepção sobre Escola e Educação de Surdos; c) práticas psicopedagógicas com Libras.

Outrossim, foi utilizado um Questionário Sociodemográfico (Apêndice B) objetivando-se coletar dados sobre o perfil acadêmico e profissional das participantes. Esse questionário conteve itens que envolvem: idade, sexo, formação em Psicopedagogia, outras formações acadêmicas, formação em Libras, se possui atuação com alunos/pacientes surdos, local de trabalho e tempo de profissão.

Procedimento

Para efetivação da coleta de dados, foi realizado um contato prévio com todas as participantes via *WhatsApp*, falando a respeito do objetivo da pesquisa e convidando gentilmente para a participação da entrevista. Ocorrendo a concordância em participar, foi encaminhado por e-mail, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A), a Entrevista Estruturada (Apêndice A) e o Questionário Sociodemográfico (Apêndice B).

Informou-se que ao responder o e-mail com as perguntas preenchidas, a profissional estaria dando o seu consentimento de participação no estudo e essa seria a forma de documentá-lo.

O pesquisador informou de maneira clara acerca do caráter voluntário da participação, além do procedimento anônimo e confidencial de todas as respostas a serem coletadas, garantindo o completo sigilo das informações, e, possibilitando a suspensão da pesquisa no momento que desejasse, sem qualquer constrangimento e prejuízo, tendo por fundamento a Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas. A coleta de dados teve início em 21 de Agosto de 2017 e encerrou em 01 de Setembro de 2017.

Análise de dados

Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa por intermédio do *Método de Análise de Conteúdo*, que segundo Bardin (2016), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, tendo por finalidade obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para tanto, foi dividido em três fases, *1- Pré-análise*: em que foi organizado o material a ser analisado permitindo sistematizar as ideias; *2- Exploração do material*: momento em que os dados coletados foram elencados de maneira organizada e inseridos em unidades, as quais possibilitaram uma descrição das características relevantes do conteúdo; *3- Tratamento dos resultados, inferência e interpretação*: última etapa em que consistiu no manejo de análise dos resultados, permitindo a elaboração de respostas corroborando os achados com a literatura que fundamenta o trabalho.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciarmos a exposição dos resultados e realizarmos a discussão dos achados coletados, se faz necessário retomarmos o questionamento inicial desse estudo, que é entender qual a percepção do Psicopedagogo acerca da Libras na Educação Bilíngue de alunos Surdos? Destarte, o objetivo geral do trabalho consistiu em compreender a percepção desse profissional acerca dessa temática, permitindo, especificamente, identificar o conceito sobre a Libras; conhecer a visão sobre a educação de surdos; descrever os desafios da atuação psicopedagógica nesse contexto; e refletir acerca da capacitação desse profissional no estudo de Libras.

As análises das entrevistas resultaram em três eixos semânticos, que compreendem os núcleos simbólicos de cada temática que foi investigada, a saber: I- conceito sobre Libras; II- concepção sobre Escola e Educação de Surdos; III- práticas psicopedagógicas com Libras. Essa será a ordem a ser seguida na apresentação dos resultados e por conseguinte a respectiva discussão. Visando preservar o anonimato das participantes e o preservar o sigilo das respostas, as Psicopedagogas entrevistadas foram denominadas P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7 e P8.

EIXO SEMÂNTICO I – Conceito sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras

P3: *“Libras é uma língua como o inglês, espanhol, sendo que a diferença é que comumente são utilizadas por pessoas surdas”;*

P5: *“Entendo como sendo uma Língua regularizada hoje em dia, que permite a comunicação e inserção social dos surdos. É expressada através de gestos, mas possui os elementos necessários à sua formação enquanto língua”;*

P6: *“Hoje, percebo a Língua de sinais como uma forma natural de comunicação”.*

Com base no conteúdo das falas representativas, percebe-se que as participantes possuem um entendimento que coaduna com a real definição de Libras encontrada na literatura. Ao afirmarem que a Libras é uma língua natural, as participantes vão de encontro ao conceito científico que está posto no referencial teórico.

Quadros e Karnopp (2004) conceituam a Libras como uma língua natural, com propriedades gramaticais próprias em todos os níveis linguísticos. Quadros e Cruz (2011) afirmam que as línguas de sinais apresentam aspectos linguísticos equivalentes às línguas orais, consistindo em uma modalidade diferente, a visuoespacial. Quadros (2017) diz que a Libras é uma língua que expressa todos os níveis linguísticos, assim como as demais línguas. Gesser (2009) também defende a língua de sinais como uma comunicação natural entre os surdos, pois evoluiu como parte de um grupo cultural, o povo surdo.

Destarte, podemos afirmar de fato que a língua de sinais é uma língua natural para os surdos, seja qual for o seu país de origem, pois ela se constitui em um meio linguístico válido que transmite pensamentos, conceitos, ideias e emoções. A língua de sinais, especificamente a Libras no Brasil, é parte de um patrimônio linguístico, cultural, social, histórico e religioso da comunidade surda brasileira.

Ao afirmarem que a Libras é uma língua regularizada que permite a comunicação, isso traz à tona uma legislação aprovada em 2002, a Lei Federal 10.436, que reconheceu a Libras

como a língua dos surdos brasileiros, regularizando-a assim como uma língua oficial no País. Essa Lei reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Ultimando, pode-se entender que essa linha de raciocínio, concebida pelas participantes, acerca da Libras ser uma língua natural de comunicação regularizada, permanece pairando na maioria das respostas. Desse modo, o entendimento apresentado acerca da Libras corrobora com os achados científicos dos estudos linguístico nessa área.

EIXO SEMÂNTICO II – Concepção sobre Escola e Educação de Surdos

P2: *“Primeiramente os profissionais que atendem essa demanda devem ter domínio sobre Libras, além de uma formação em educação inclusiva”;*

P3: *“Como a língua de sinais é sua primeira língua, o ensino tem que se voltar primeiramente ao ensino das Libras para o aluno surdo, só depois que deveria se introduzir uma segunda língua, que seria a escrita em Português”;*

P4: *“...os estudantes surdos devem estar inseridos nas salas comuns, porém sendo acompanhado por profissionais capacitados. Não concordo que tenha ‘escolas específicas para surdos’”;*

P7: *“A escola de surdos deve ser Bilíngue, ou seja, é necessário que ele domine tanto a Língua Portuguesa quanto a Libras, pois as duas serão necessárias nas situações do dia a dia. Neste caso, o ideal seria que os professores também fossem surdos e bilíngues”;*

Conforme as respostas postas acima, há consenso majoritário entre as participantes em que se tem a valorização da Libras como língua de instrução na educação de surdos, bem como a importância de se ter profissionais habilitados em Libras para trabalhar nesse contexto educacional. Isso se configura em um bom sinal, pois pesquisas apontam que esse é o caminho a ser trilhado no que diz respeito à educação de surdos. A escola bilíngue também é mencionada como um lugar necessário para que essa educação aconteça, permitindo uma verdadeira inclusão para os alunos surdos, esse é outro ponto positivo pontuado por uma das participantes. Contudo, uma das participantes afirma que os surdos devem estar inseridos em classes comuns de ensino, o que de certo modo não se sustenta frente aos dados científicos dos últimos estudos na área de desenvolvimento cognitivo e linguístico da população surda brasileira.

Os estudos de Capovilla (2008, 2011a, 2011b, 2011c) e Capovilla et al. (2009) comprovaram que a criança surda tem um desenvolvimento educacional mais e melhor em

escolas bilíngues que ofertam uma educação bilíngue, em que a Libras é a primeira língua, do que em escolas comuns de ensino, em que o português é a primeira língua. Os resultados desse estudo revelaram que enquanto as escolas comuns, que ministram aulas em Português sob a abordagem da inclusão, são mais eficientes para desenvolver competências em Português para alunos com deficiência auditiva (alunos com implante coclear ou que usam outra espécie de aparelho auditivo), no caso dos alunos surdos, as escolas bilíngues com ensino em Libras se mostraram mais eficientes para desenvolver competências, tanto da Libras quanto de leitura e escrita do Português. Isso justifica-se pelo fato de que alunos com deficiência auditiva têm no Português a sua língua materna, enquanto no caso dos alunos surdos é a Libras a língua materna.

Logo, inserir alunos surdos em escolas e classes comuns que não sejam bilíngues, onde não existe um contato direto em língua de sinais com outros alunos e professores sinalizadores fluentes, se mostra ineficaz na aprendizagem dos surdos. Sendo assim, a afirmação que diz “... não concordo que tenha escolas específicas para surdos” mostra um pensamento equivocado à luz do embasamento teórico que fundamenta esse estudo, pois não tem levado em consideração a peculiaridade linguística do surdo brasileiro, a Libras, talvez por desconhecimento ou falta de aprofundamento de estudo na área.

Capovilla (2008) e Capovilla et al. (2009) sustentam esse pensamento ao enfatizar que com a inserção de alunos surdos no contexto de escolas comuns de ouvintes, os alunos surdos tenderão a aprender menos e a fracassar nos estudos, podendo até mesmo abandonar a escola. Não é de se admirar que esse estudo constatou que apenas 20% dos sujeitos surdos em idade escolar se encontram regularmente matriculado em escolas. Destarte, Capovilla concluiu que a inclusão só será plenamente verdadeira no Brasil quando ocorrerem investimentos que garantam uma educação bilíngue aos alunos surdos, respeitando a cultura surda brasileira, em que a Libras é valorizada, aprendida e disseminada entre todos.

Porquanto, como todas as crianças ouvintes, as crianças surdas necessitam ter acesso a uma educação de qualidade, que nesse caso específico é a abordagem bilíngue. Os alunos surdos aprendem melhor com a Libras, pois eles aprendem de forma diferente, são mais visuais e processam a informação de modo diferente do que seus colegas ouvintes, a aprendizagem se dá via modalidade visuoespacial. Logo, receber o conhecimento educacional por intermédio de uma língua em que você não terá preocupação em perder as especificidades dos conteúdos, deixará mais fácil e significativa a aprendizagem escolar.

Ademais, a própria legislação brasileira (BRASIL, 2005, 2014, 2015) prevê e assegura uma educação bilíngue para as crianças surdas, em que a Libras é a primeira língua e na modalidade escrita a língua portuguesa como segunda língua. Essa garantia de oferta de

educação bilíngue deve acontecer em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, com professores de Libras, prioritariamente surdos, e professores bilíngues possibilitando desse modo a alfabetização e desenvolvimento das demais competências nos alunos surdos usuários de Libras.

Capovilla (2012) afirma que fechar as escolas de educação infantil e ensino fundamental bilíngues é trazer grandes prejuízos ao desenvolvimento biopsicossocial da criança surda, pois, essa ação lhe privará de ter a oportunidade de adquirir e desenvolver a sua linguagem. Logo, o bilinguismo adotado na legislação brasileira deve possibilitar a introdução da criança surda numa comunidade que use a Libras como meio de comunicação, na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. A partir do 5º ano do ensino fundamental, a criança surda pode e deve ser matriculada em escola regular, no contra turno, mas antes disso, a escola bilíngue deve ser priorizada.

Rematando, pode-se notar que as respostas das participantes estão coerentes com a base teórica que fundamenta o estudo, com poucas disparidades. Ao valorarem a educação e a escola bilíngue para os surdos, as participantes se mostram alinhadas e conhecedoras das políticas linguísticas, destinadas a esse público, firmadas nas legislações vigentes no País, embora na prática diária isso ainda não aconteça na sua totalidade.

EIXO SEMÂNTICO III – Práticas psicopedagógicas com Libras

P3: *“Se o Psicopedagogo não dominar as Libras, ele não estará capacitado para atender um aprendente com essas necessidades”.*

P4: *“Ao meu ver, é de extrema importância que o Psicopedagogo saiba Libras, pois temos um público bastante grande para ser atendido e que a maioria dos profissionais dessa área não possui habilidade em Libras, desse modo, existe uma perda considerável, tanto por parte da comunidade surda quanto por parte dos profissionais da área”.*

P6: *“... entendo que o Psicopedagogo não precisa necessariamente ser um intérprete, mas precisa ao menos saber se comunicar com os surdos, assim como naturalmente comunica-se como os ouvintes”.*

P7: *“A atuação psicopedagógica voltada para a pessoa com surdez é difícil porque, primeiramente, a maioria dos Psicopedagogos não tem nenhuma formação em Libras. Esse é o principal entrave, e diante da complexidade do nosso objeto de estudo possibilitar a construção de um vínculo positivo com a aprendizagem sem estar imerso na cultura surda acaba sendo uma falta de ética ou desserviço à sociedade.”*

P8: *“Vejo que a maior dificuldade da atuação é justamente a falta de contato e aprofundamento com conteúdos como Libras e surdez.”*

De acordo com as respostas escritas pelas participantes, podemos perceber que existe consonância em que o maior desafio enfrentado na atuação psicopedagógica na educação de surdos é, de fato, o Psicopedagogo não ter conhecimento de Libras para se comunicar com alunos surdos. Outrossim, as respostas revelam ainda uma preocupação unânime entre as participantes acerca da relevância que reside, no que se refere ao Psicopedagogo se capacitar na aprendizagem de Libras para atuar nesse contexto, o que é bastante escasso entre os profissionais dessa área.

Essas colocações estão alinhadas com o que está posto nos referenciais teóricos que tratam da interface entre Educação de Surdos e a Psicopedagogia. Ansay (2004) afirma que o Psicopedagogo deve ser um dos profissionais que devem trabalhar na educação de surdos, entretanto, para que isso ocorra é imprescindível na atuação psicopedagógica com crianças surdas a utilização de Libras como língua primária de comunicação durante os atendimentos.

Cezar e Ferreira (2016) afirmam que dentre as práticas psicopedagógicas emergem aquelas práticas que devem ser voltadas ao público surdo. Destarte, surge a necessidade do Psicopedagogo compreender e promover atendimentos em Libras para os alunos surdos, e até mesmo no assessoramento de Professores de Libras surdos, visando proporcionar uma educação que atente às suas especificidades, revelando equidade no tratamento a alunos ouvintes e surdos.

Almeida (2011) afirma que o processo de inclusão da criança surda no contexto escolar requer um preparo para os educadores que devem ter o assessoramento de um especialista, que é o Psicopedagogo. Entretanto, para que isso se concretize de maneira benéfica trazendo resultados positivos no processo de inclusão, se faz necessário que todos os profissionais, incluindo o Psicopedagogo, tenham domínio de Libras.

Cezar e Ferreira (2016) comentam de forma precisa que para que os profissionais da Psicopedagogia tenha êxito em sua atuação psicopedagógica com crianças e/ou adolescentes surdos, seja avaliando ou intervindo, é essencial desenvolver atendimentos em Libras, sem auxílio de algum intérprete, pois dessa forma, o Psicopedagogo estará contemplando a peculiaridade linguística e cultural da pessoa surda, estabelecendo uma via de comunicação eficaz permitindo que se entenda o surdo e que se faça entendido enquanto profissional.

Finalizando, podemos perceber que tanto a literatura como as respostas das participantes mostram uma só ideia que ecoa no sentido de apontar que o maior obstáculo na atuação

psicopedagógica com alunos surdos é a falta de comunicação entre ambos, em que o Psicopedagogo não possui conhecimento de Libras. Isso se configura o maior desafio, e foi bem pontuado por todas as participantes.

De igual modo, ao indicarem o ponto de fragilidade as profissionais também indicaram a solução, falando da importância que se tem em o Psicopedagogo aprender Libras para poder dispor atendimento a esse grupo específico. É esse o caminho que a literatura também aponta, que o Psicopedagogo que queira trabalhar com surdos tenham o compromisso de se imergir na cultura surda e de se habilitar na comunicação em Libras, para que dessa forma se obtenha um bom êxito de atuação nesse contexto.

Concluindo, após ser exposto os resultados e realizada a discussão, tendo por base a literatura abordada no estudo, podemos afirmar que os questionamentos levantados foram respondidos, bem como os objetivos da pesquisa foram atendidos nessa seção, encontrando, nas respostas coletadas, dados valiosos e consistentes que corroboraram com as expectativas existentes desde o início do estudo, o qual perpassou todo o corpo teórico do texto.

Com a discussão dos resultados espera-se que haja contribuição para a reflexão das possíveis conjecturas entre as áreas de estudo da Psicopedagogia e da Educação de Surdos, em que o conhecimento específico de cada área, quando relacionado, conflua em um rico arcabouço teórico que subsidie a atuação psicopedagógica com pessoas surdas, otimizando uma aprendizagem significativa desse grupo de alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender a percepção de Psicopedagogos acerca da Libras na educação bilíngue de surdos, especificamente, identificar o conceito que o Psicopedagogo possui sobre a Libras; conhecer a visão que o Psicopedagogo possui sobre a educação bilíngue para surdos; descrever os desafios da atuação psicopedagógica na Educação de Surdos; e refletir acerca da necessidade do Psicopedagogo se capacitar em Libras para a atuação com pessoas surdas. Fundamentadamente com tais finalidades, verificou-se que todos os objetivos foram atendidos na seção de Resultados e Discussão.

Embora tenha-se alcançado com êxito os objetivos propostos pelo estudo, se faz necessário ressaltar alguns pontos que devem ser destacados como fatores limitantes da pesquisa. O primeiro fator de limitação que podemos pontuar é em relação aos participantes do estudo. O foco inicial foi encontrar Psicopedagogos que fossem fluentes em Libras e que trabalhassem com o público surdo, todavia, depois de realizar pesquisas à procura de tais

profissionais, só encontramos uma Psicopedagoga na cidade de João Pessoa que preencheu esses requisitos.

Logo, foi necessário modificar os critérios de inclusão dos participantes para englobar Psicopedagogos sem conhecimentos práticos de Libras para dá prosseguimento ao estudo, tendo em vista que é extremamente escasso encontrar profissionais da Psicopedagogia que dominem Libras e que trabalhem no contexto da educação de surdos. É importante ressaltar também que a opção por uma seleção de participantes por conveniência, realizada via correio eletrônico (e-mail), se deu em decorrência do pouco tempo disponível para o levantamento dos dados, tal como a difícil disponibilidade de marcar encontro presencial para realizar a entrevista. Desse modo, optou-se usar a internet para agilizar a coleta de dados sem prejuízos às perguntas a serem realizadas.

Outro fator de limitação surgiu em virtude da carência de se encontrar estudos, livros, artigos e outros referenciais teóricos que discutissem o tema da Educação de Surdos relacionado à Psicopedagogia. Foram encontradas poucas literaturas que correlacionassem as variáveis Educação de Surdos e Psicopedagogia.

Sendo assim, este estudo possui caráter de ser preliminar, pois se baseia em explorar a percepção de Psicopedagogos acerca da temática implicada, o que é fundamental e pode ser concebido como um ponto de partida para novas pesquisas de cunho qualitativo e quantitativo. Outrossim, sugere-se o desenvolvimento e aprofundamento de novos estudos que permitam obter novos dados, com um maior número de participantes e com outros procedimentos metodológicos, como estudos de casos que extraiam a realidade, escalas implícitas e outros métodos, que colaborem para obtenção de informações que possam ser unificadas visando desenvolver um arcabouço teórico que estabeleça a interface entre Educação de Surdos e a Psicopedagogia, visando subsidiar de maneira sólida a prática psicopedagógica nesse contexto educacional.

Destarte, o presente estudo traz contribuições significativas à Psicopedagogia, por ser um dos estudos preditores da temática na perspectiva de disseminar conhecimento que entrelaça a atuação psicopedagógica no contexto de educação de surdos. Logo, disto emerge um leque de possibilidades de aplicações das contribuições deste estudo à Psicopedagogia, atentando ao contexto institucional e de igual modo ao clínico.

Como proposta educativa de fortalecimento do conceito de Libras, sugere-se que sejam propagadas aos Psicopedagogos ações educativas que apresentem nomenclaturas como Língua e Surdo, para que haja o estabelecimento consciente do entendimento de que a Libras é uma língua natural, como qualquer língua oral, e que esta língua pertence ao público surdo.

Outrossim, recomenda-se que haja uma iniciativa dos Psicopedagogos que queiram trabalhar nessa área no sentido de ter uma formação continuada em Libras, procurando cursos que são ofertados, visando a aprendizagem dessa língua.

Ademais, é latente a necessidade de disseminar este conceito na formação acadêmica dos alunos de Psicopedagogia da UFPB, tanto como forma de desmistificar o conceito, tal como uma forma de enfraquecer o preconceito social propagado no que se refere ao público surdo e o uso da sua língua. Para tanto, sugere-se que Libras seja um componente curricular obrigatório no Curso de Psicopedagogia. Entretanto, por Decreto de Lei Federal, a Libras é somente disciplina obrigatória nos cursos de Licenciaturas e nos cursos de Fonoaudiologia. Como a graduação em Psicopedagogia da UFPB é a nível de bacharelado, ela está de fora dessa obrigatoriedade, sendo Libras um componente curricular optativo. Desse modo, os discentes do Curso de Psicopedagogia ficam prejudicados tendo acesso limitado a esse conteúdo, pois pouquíssimas vagas são disponibilizadas para os alunos.

Conclusivamente, muitos são os desafios para a formação educacional de alunos surdos no nosso País. Entretanto, não é possível que na nossa contemporaneidade, diante das políticas públicas e dos conhecimentos difundidos por meio de pesquisas, conceber a educação bilíngue de surdos sem compreender que a Libras não é um acessório. Ela é a primeira língua do sujeito surdo e deve ser ofertada como tal nas universidades e em outros âmbitos de educação, não a considerando como complementar na formação de profissionais da Educação, a exemplo do Psicopedagogo, mas sim como um conhecimento obrigatório e de extrema pertinência.

Não se trata simplesmente aceitar a presença desta língua, mas de destinar ambientes propícios para seu ensino, já que na universidade, possivelmente, será o único espaço em que os estudantes universitários terão oportunidade de ter contato com a Libras para poder de algum modo, por conseguinte, utilizá-la no campo de trabalho.

PERCEPTION OF PSYCHOPEDAGOGUES ABOUT THE LIBRAS IN THE BILINGUAL EDUCATION OF DEAF

Abstract: The present study aimed to understand the perception of Psychopedagogues about Libras in the bilingual education of deaf. In order to do so, it was adopted a cultural approach which understands that the deaf subject belongs to a community that has a culture and a language of its own. Participated in the study 8 (eighth) Psychopedagogues from João Pessoa city with time of profession ranging from 6 (six) months to 15 (fifteen) years. They answered a structured interview, developed from a fixed list of five questions, as well as sociodemographic questions. This procedure was done by electronic mail. The data collected were qualitatively analyzed through the Bardin Content Analysis Method. From the analysis we could understand three semantic axes: concepts about Libras, conception about school and education of deaf and psychopedagogical practices with Libras. The results indicated that the participants have a coherent concept about Libras according to the literature, and there is a majority consensus on the value of Libras as a language of instruction in the education of deaf, as well as the importance of having professionals qualified in Libras to work in this context, which is the greatest challenge in the psychopedagogical activity in the education of deaf, the lack of knowledge of Libras to communicate. Thus, it lies the importance of having fluent Psychopedagogues in Libras to work in this educational field. It is concluded that this knowledge must be disseminated in the formation of the Psychopedagogue, as it is recommended to have a continuous professional formation in the study of Libras and the deaf culture.

Keywords: Education of Deaf. Bilingualism. Brazilian Language of Signals. Psychopedagogy.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. O. A Intervenção Psicopedagógica na Inclusão de alunos surdos. **Revista Episteme Transversalis**, v. 2, n.1, p. 1-9, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Código de Ética do Psicopedagogo**. São Paulo: 2011. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html>. Acesso em: 15 ago. 2017.

ALVEZ, C. B.; FERREIRA, J. P.; DAMÁZIO, M. M. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**: abordagem bilíngue na escolarização de pessoas com surdez. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

ANSAY, N. N. **A Psicopedagogia Clínica, a Inclusão e a Criança Surda**. 2004. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: <<http://tcconline.utp.br/media/tcc/2016/03/A-PSICOPEDAGOGIA-CLINICA.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

BARBOSA, F. V. Língua de Sinais na Fonoaudiologia: perspectivas para uma nova visão da atenção à saúde da comunicação. In: LAMÔNICA, D. A. C.; OLIVEIRA e BRITTO, D. B. (Orgs.). **Tratado de Linguagem**: perspectivas contemporâneas. Ribeirão Preto, Book Toy, 2017. p. 311-320.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERALDO, S.; VITORIANO, S. A. Contribuições da Psicopedagogia Institucional para os alunos surdos na Escola Regular. **Cadernos INESP**, v. 1, n. 1, p. 108-118, 2016.

BOSSA, N. A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 4. ed. Rio de Janeiro: Wak Editoria, 2011.

BRASIL. **Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência**. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012.

_____. Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 11 ago. 2017.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em: 11 ago. 2017.

_____. Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 12 ago. 2017.

_____. Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>. Acesso em: 12 de ago. 2017.

BRUNN, E. J. P.; BLUMER, L. A Psicopedagogia e a Educação Inclusiva: aluno com surdez. **Revista Conteúdo**, v. 1, n. 6, p. 39-52, 2011.

CAPOVILLA, F. C. As contribuições da psicologia no ensino de crianças surdas. **Páginas Abertas**, São Paulo, n. 49, p. 6-11, 2012. Entrevista. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/portal/wp-content/uploads/2012/06/paginas-abertas-49.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

_____. Carta aberta ao Ministro da Educação sobre a especificidade linguística da criança surda e o essencial de suas necessidades educacionais especiais. In: SÁ, N. R. L. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011b. p. 293-296.

_____. Políticas de educação regular e especial no Brasil: sobre os perigos de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fosse ouvintes. In: ARAÚJO, A. P. (Org.). **Aprendizagem infantil: uma abordagem da neurociência, economia e psicologia cognitiva**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2011c. p. 190-211.

_____. Principais achados e implicações do maior programa do mundo em avaliação do desenvolvimento de competências linguísticas de surdos. In: SENNYEY, A. L.; CAPOVILLA, F. C.; MONTIEL, J. M. (Org.). **Transtornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação**. São Paulo: Artes Médicas, 2008. p. 151-164.

_____. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: SÁ, N. R. L. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011a. p. 77-99.

CAPOVILLA, F. C. et al. Alfabetização produz leitura orofacial?: Evidência transversal com ouvintes de 1ª a 3ª séries da Educação Infantil, e de coorte (transversal-longitudinal) com surdos de 4ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. In: MONTIEL, J. M.; CAPOVILLA, F. C. (Orgs.). **Atualização em Transtornos de Aprendizagem**. São Paulo: Artes Médicas: 2009. p. 497-540.

CAPOVILLA, F. C. et al. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. 3 Volumes. São Paulo: Edusp, 2017.

CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. Educação da criança surda: evolução das abordagens. In: CAPOVILLA, F. C. (Org.). **Neuropsicologia e aprendizagem: uma abordagem multidisciplinar**. 2. ed. São Paulo: Memnon, 2004. p. 229-256.

CAVALCANTI, W. M. A. Concepções de língua, linguagem e fala e sua aplicação no campo da surdez. In: FARIA, E. M. B.; CAVALCANTE, M. C. B. (Orgs.). **Libras**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 11-19.

CEZAR, A. P. F.; FERREIRA, A. P. Práticas psicopedagógicas com alunos surdos. In: CAIERÃO, I.; HICKEL, N.; KORTMANN, G. (Orgs.). **A Psicopedagogia entre conhecimentos e saberes: fazer pensar escrever**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016. p. 208-214.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2016**. Brasília: Inep, 2017.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da língua de sinais brasileira:** estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

LODI, A. C. B. Plurilinguismo e Surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação de surdos. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 409-424, 2005.

LOPES, K. G. F.; BRÁS, W. A. L. A Psicopedagogia como Mediadora do Processo de Ensino Aprendizagem da Leitura e da Escrita do Surdo. **Revista Virtual de Cultura Surda**. n. 16, p. 1-12, 2015.

MOURA, M. C. A Escola Bilíngue para surdos: uma realidade possível. In: SÁ, N. R. L. (Org.). **Surdos: qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua, 2011. p. 155-168.

NUNES, S. S. et al. Surdez e educação: escolas inclusivas e/ou bilíngues? **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p. 537-545, 2015.

PERLIN, G. T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 51-73.

PIRES, T. S. J. **Aquisição de escrita por surdos:** um olhar sobre a adaptação curricular. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais:** uma análise alternativa com base na Língua Brasileira de Sinais e reflexos no processo de aquisição. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

_____. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Língua de Herança:** língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R.M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais**: instrumento de avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHESTER INSTITUTE OF TECHNOLOGY. **Deaf Education**: a New Philosophy. Disponível em: < <https://www.rit.edu/showcase/index.php?id=86>>. Acesso em: 18 set. 2017.

ROSA, E. F. **Olhares sobre si**: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas. 2009. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SÁ, N. R. L. Escolas e classes de surdos: opção político-pedagógica legítima. In: _____. (Org.). **Surdos**: qual escola? Manaus: Editora Valer e Edua, 2011a. p. 17-61.

SANTOS, L. F.; CAMPOS, M. L. I. L. Educação especial e educação bilíngue para surdos: as contradições da inclusão. In: ALBRES, N. A.; NEVES, S. L. G. (Orgs.). **Libras em estudo**: política educacional. São Paulo: FENEIS, 2013. 13-38.

SILVA, C. M.; SILVA, D. N. H. Libras na educação de surdos: o que dizem os profissionais da escola? **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 1, p. 33-43, 2016.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. ed. Florianópolis: Editora Universitária da UFSC, 2016.

STUMPF, M. R. A educação bilíngue para surdos: relatos de experiências e a realidade brasileira. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

VERAS, N. C. O. Psicopedagogia Institucional e Educação de Surdos no Brasil, possíveis encontros. **Educação, Artes e Inclusão**, v. 11, n. 1, p. 74-88, 2015.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 14 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

APÊNDICE A

ENTREVISTA ESTRUTURADA

- 1- Qual o seu entendimento sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)?
- 2- Você poderia falar qual o seu pensamento sobre como deve ser Educação de Surdos?
- 3- Comente a respeito da sua visão sobre como deve ser a Escola para surdos?
- 4- Fale sobre os desafios que podem ser enfrentados na atuação psicopedagógica na educação de surdos?
- 5- Qual a sua opinião sobre o Psicopedagogo aprender Libras? Comente a respeito.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Formação em Psicopedagogia: () Graduação () Especialização

Outras Especializações: _____ () Mestrado ()
Doutorado

Possui Curso de Libras? _____ Onde fez? _____ Duração? _____

Possui pacientes/alunos surdos? _____ Faz uso de Libras com eles? _____

Instituição/Local de trabalho: _____

Contexto de atuação: () Clínico () Escolar () Hospitalar

Tempo de exercício da profissão: _____

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) colaborador(a),

Esta pesquisa volta-se à explorar a percepção dos profissionais da Psicopedagogia sobre a Libras na Educação de Surdos, a qual está sendo desenvolvida pelo pesquisador Bruno Leonardo Batista Ferreira, discente do 7º Período do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Geovani Soares de Assis do Departamento de Psicopedagogia. O objetivo do estudo é: **compreender a percepção de Psicopedagogos acerca da Libras na Educação Bilíngue de surdos.**

Os participantes desta pesquisa contribuirão para a formação acadêmica do pesquisador e os resultados obtidos colaborarão na investigação de metodologias que poderá influenciar no progresso do estudo da Educação de Surdos na interface com a Psicopedagogia, e também nas futuras pesquisas relacionadas à temática.

Solicitamos a sua colaboração para responder a uma entrevista que contém perguntas relacionadas aos temas: concepção sobre a Língua Brasileira de Sinais; conceitos sobre Educação de Surdos e Bilinguismo; e práticas psicopedagógicas com Libras.

Pedimos também a vossa autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de Educação e Psicopedagogia, e, publicar em revistas científicas. Por ocasião de possíveis publicações dos resultados, o seu nome será mantido em completo sigilo. Pedimos-lhes que leiam atentamente as perguntas a serem realizadas e que seja o mais sincero possível em suas respostas.

Para tanto, queremos informar que de acordo com a Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a sua participação deverá ser totalmente voluntária e a qualquer momento a senhora poderá desistir de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Garantimos que a sua privacidade será respeitada bem como a confidencialidade das informações pessoais. Posto isso, faz-se necessário documentar o seu consentimento. Estou ciente que recebi uma cópia desse Documento.

Finalizando, nos colocamos a sua inteira disposição para esclarecer qualquer dúvida de que necessite (brunolepsico@gmail.com).

Agradecemos a sua colaboração!

Termo de Consentimento

Ao retornar esse E-mail, respondendo as perguntas, estou concordando em participar do estudo supracitado, bem como autorizando a análise das minhas respostas, as quais ficarão guardadas sob total sigilo do pesquisador, zelando por sua privacidade e garantindo a confidencialidade das informações pessoais. Estou ciente de que os dados fornecidos poderão ser utilizados para fins científicos-acadêmicos.

João Pessoa, ____ de _____ de 2017.